



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JEFFERSON MATEUS RIBEIRO

**PORNOGRAFIA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR:
Considerações iniciais sobre censura e mídia impressa
acerca do filme A Dama do Lotação (1978)**

**GUARABIRA – PB
2012**

JEFFERSON MATEUS RIBEIRO

**PORNOGRAFIA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR:
Considerações iniciais sobre censura e mídia impressa
acerca do filme A Dama do Lotação (1978)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de licenciado em
História.

Orientador: Carlos Adriano Ferreira de
Lima

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R484p

Ribeiro, Jefferson Mateus

Pornografia nos tempos da ditadura militar: considerações iniciais sobre censura e mídia impressa do filme A Dama do Lotação (1978) / Jefferson Mateus Ribeiro. – Guarabira: UEPB, 2012.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

1. Ditadura Militar 2. Sexualidade 3. Censura
I. Título.

22.ed. CDD 321.9

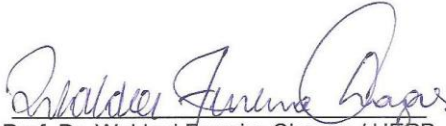
**PORNOGRAFIA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR:
Considerações iniciais sobre censura e mídia impressa
acerca do filme A Dama do Lotação (1978)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de licenciado em
História.


Aprovado em 05 / 12 /2012.



Prof. MS. Carlos Adriano Ferreira de Lima / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas / UEPB
Examinador



Profª MS. Flávia Carreiro de Santana / UEPB
Examinador

PORNOGRAFIA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR: Considerações iniciais sobre censura e mídia impressa acerca do filme *A Dama do Lotação* (1978)

RIBEIRO, Jefferson Mateus¹

RESUMO

Nos tempos da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), foram produzidos em nosso país inúmeros filmes de cunho pornográfico. Em pleno momento em que a censura ditava o que deveria ou não ser visto por todos, lançava-se o filme *A Dama do Lotação* (1978). Nosso trabalho destina-se a analisar a documentação do período referente à censura do filme citado. Problematizando as motivações dos censores e da própria sociedade do período, a fim de explicitar as repressões sofridas não só politicamente, mas também, em relação às questões referentes à sexualidade dos cidadãos. Que por sua vez eram impelidos a seguir e prezar pela moral e os bons costumes.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura. Sexualidade. Censura. Moral

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar como a censura na época da ditadura militar brasileira (1964-1985) agia em relação aos filmes de cunho pornográfico e em como a sociedade da época se via influenciada ou não por esses pareceres, que acabavam por incitar atitudes, influenciando nas suas concepções culturais e cotidianas. Visando alcançar este objetivo, analisamos a documentação referente ao filme *A Dama do Lotação*² (1978), buscando assim, discutir as questões que permeiam as práticas dos censores do período.

¹Graduando em história pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: jefferson_odd@hotmail.com

² Ficha Técnica: *Título original:* A Dama do Lotação; *Gênero:* Drama; *Duração:* 111 min.; *Lançamento (Brasil):* 1978; *Distribuição:* Atlantic; *Direção:* Neville de Almeida; *Roteiro:* Neville de Almeida,

Em nossa pesquisa, temos como fonte principal a documentação da época referente à censura do filme em questão. Isto inclui capa de processos de censura, contendo dados gerais sobre o filme como título, produtora, diretor, além de algumas características mais específicas como a metragem do rolo fílmico, número de cópias e número do certificado da DCPD (Divisão de Censura de Diversões Públicas)³; pareceres contendo as conclusões oficiais em torno do processo de censura; certificado de censura contendo a faixa etária permitida para assistir ao filme, além de um resumo dos cortes que deveriam ser efetuados; pedidos de revisão de processos, caso os produtores achassem que os cortes sugeridos pudessem vir a prejudicar o entendimento do filme, ou simplesmente achassem as exigências muito rigorosas, poderiam pedir uma revisão do processo para que elas fossem amenizadas; lista de cortes requeridos, ou seja, detalhamento dos cortes que viriam a ser executados para que o filme pudesse ser exibido nos cinemas; matérias da imprensa da época, que nos mostram como os filmes repercutiam nestes veículos de informação, contendo críticas, propagandas e menções ao filme e, no caso da produção cinematográfica estudada em particular, temos também a carta de uma civil enviada ao ministério público, na qual ela expressa seu posicionamento em relação aos filmes produzidos no período, em especial os de cunho pornográfico, mais especificamente ao filme *A Dama do Lotação*. Toda esta documentação pode ser encontrada no site “Memória da Censura no Cinema Brasileiro – 1964-1988” (www.memoriacinebr.com.br), sob a coordenação de Leonor Souza Pinto.

A pesquisa aqui apresentada é, também, fruto das atividades desenvolvidas na extensão “Uma ditadura (in) decente, sexo, censura e poder do cinema brasileiro (1964-1988)” desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III - Guarabira e coordenada pelo Professor Carlos Adriano Ferreira de Lima, as atividades ocorreram durante o período de um ano⁴.

Em meio às pesquisas e discussões ocorridas no projeto, os pesquisadores participantes puderam vislumbrar muitas das questões presentes neste trabalho, de

baseado em livro de Néelson Rodrigues; *Produção*: Alberto Fonseca e Walter Shilke; *Música*: Caetano Veloso; *Fotografia*: Edson Santos; *Direção de arte*: Gilberto Loureiro; *Figurino*: Marília Carneiro; *Edição*: Raimundo Higino. Disponível em < <http://www.meucinemabrasileiro.com/filmes/dama-do-lotacao/dama-do-lotacao.asp>> acesso em 29/11/2012

³ Divisão do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) responsável por analisar os filmes e outras produções artísticas.

⁴ As atividades de extensão aconteceram no início do segundo semestre de 2011 até o final do primeiro semestre de 2012.

modo que parte dos resultados desta pesquisa surge em decorrência das atividades da extensão e do auxílio de uma bibliografia específica do tema.

Durante o período da ditadura militar, foram produzidos inúmeros filmes de cunho pornográfico, mas o que podemos perceber é que, o ofício destes profissionais é composto por uma postura moralista, onde avaliar se estes filmes são ou não aptos a serem vistos pela sociedade brasileira da época era, também, ser defensor da moral e dos bons costumes, preservando acima de tudo os “bons” valores.

Dialogando com as concepções da História Cultural, onde valorizamos as múltiplas facetas de uma sociedade, sua pluralidade acaba por evidenciar um mundo de representações, que por sua vez são simbólicas,

ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou anunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais. (PESAVENTO, 2004, p.41)

Para que se possa ter um melhor entendimento dos ideais que motivam estes profissionais e a sociedade da época, se faz necessária uma análise de seus comportamentos, como essas pessoas lidam com estes filmes e principalmente como lidam com a sexualidade, ou com a negação desta.

PORNOGRAFIA E SOCIEDADE

Em tempos de ditadura militar, a sociedade brasileira vivia um regime autoritário e conservador. Os militares no poder

Passaram a exercer um governo, em muitos aspectos, oposto ao governo até então estabelecido. O esforço de se criar uma economia autônoma, uma política mais independente, de atender algumas aspirações sociais, como por exemplo, a reforma agrária, pretendida por Jango, foi contrariado pelo governo pós-golpe de 64. (CALISSI, LIMA, 2009)

Neste novo regime que se apresentava, a sociedade brasileira viveu uma política de estabilidade social, os militares queriam conter possíveis mobilizações e

revoltas por parte da população, mas seus métodos eram pautados no autoritarismo, como podemos ver na citação a baixo,

O autoritarismo, caracterizado por decretos e atos institucionais, foi um dos mecanismos utilizado para o controle social. Diminuiu-se a resistência da classe operária, criaram-se instrumentos de controle nos meios de comunicação, inclusive para “selecionar” o que deveria chegar às massas. Todo tipo de oposição foi sendo, pouco a pouco, eliminada ou controlada pelo Estado. (CALISSI, LIMA, 2009)

Como podemos perceber, o Brasil estava sendo guiado a rédeas curtas, não havia abertura para expressar-se livremente, as palavras dos cidadãos poderiam inclusive, ser interpretadas como subversões, o que o tornaria um criminoso para o Estado. E então quando não se via como piorar em termos de repressão, em 13 de dezembro de 1968, o governo promulga o Ato Institucional n^o 5, que dava plenos poderes aos militares e que diferente dos Atos Institucionais anteriores, “não tinha data para expirar”(SKIDMORE, 1998, p. 232). Deste modo,

O Brasil era agora uma ditadura autêntica. O congresso foi fechado (embora não abolido) e todos os crimes contra a “segurança nacional” passaram a ser doravante da alçada da Justiça Militar. (SKIDMORE, 1998, p. 232)

O governo passa a censurar vários segmentos da sociedade, principalmente a televisão e o rádio, mas o cinema também passa a ser avaliado pela censura da época, o que desencadeou um modo diferenciado de censura no período, que era acentuadamente política, trata-se da censura às praticas sexuais expostas nos filmes, uma censura moral.

Temos uma moral dos tempos da ditadura. Um código invisível que definia a sociedade da época como seres impossibilitados de falar sobre relações sexuais, sobre o sexo em si. Estas leis implícitas eram constantemente afirmadas tanto pelo Estado quanto pela parte mais conservadora da população. Os comportamentos sexuais eram vistos como algo impuro, o que entrava em choque com a produção cinematográfica da época, os filmes de cunho pornográfico são produções que transpiram insinuações e provocações no que toca o quesito sexual. Mas o sexo deveria manter-se recluso, confinado, trancafiado onde ninguém pudesse vê-lo.

Na busca desenfreada pela preservação da moral e dos bons costumes, nossa sociedade se via calada pelo Estado em relação a certas práticas cotidianas que estavam agora presentes em nossas salas de cinema. Durante o período da ditadura militar não foram apenas as famosas pornochanchadas⁵ que utilizavam do recurso das cenas de sexo para chamar a atenção do público, muitos filmes de gêneros diferenciados, como o “pornô-drama, o pornô-horror (...), o pornô-policial, o pornô-western, e até mesmo o pornô experimental” (ABREU, 1996, p.78) tinham em sua narrativa momentos em que seus personagens interagiam entre si através do sexo. Daí a razão de nos referirmos, neste trabalho, a estas produções de modo geral, como filmes pornográficos. “o termo *pornochanchada* não cobre toda a produção pornográfica do período, terminando por encapsular produções tão distintas entre si e desconsidera, por exemplo, a produção plural da *boca do lixo*”⁶ (LIMA, 2011).

Mas, ainda assim, o tema era tabu, proibido publicamente, mas liberado nas entrelinhas de nossa sociedade que lotava os cinemas que exibiam esse tipo de conteúdo. Porém, como nos diz Foucault

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, P.10)

⁵ Gênero de filmes brasileiros que foi bastante popular na década de 1970 e início da década de 1980. Eram em geral filmes de baixo orçamento que combinavam erotismo (daí o porno), humor escrachado (chanchada), palavrões e roteiros simples e popularescos. Foram produzidos em sua maior parte no centro de São Paulo, na região conhecida como Boca do Lixo, e seus principais ícones foram David Cardoso, Helena Ramos e Matilde Mastrangi. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/pornochanchada/>> acesso em 29/11/2012

⁶ A **Boca do Lixo** é uma região não oficial do centro da cidade de **São Paulo**, caracterizado por ter se tornado um polo da indústria cinematográfica nas décadas de 1920 e 1930, quando empresas como a Paramount, a Fox e a Metro se instalaram na região. Durante as décadas seguintes, essas companhias atraíram distribuidoras, fábricas de equipamentos especializados, serviços de manutenção técnica e outras empresas do ramo cinematográfico para as redondezas, o que transformou a Boca em um verdadeiro reduto do cinema independente brasileiro, desvinculado dos incentivos governamentais. Muitos cineastas, como Carlos Reichenbach, Luiz Castellini, Alfredo Sternheim, Juan Bajon, Cláudio Cunha ou Walter Hugo Khouri, tinham clara proposta autoral em seus filmes, mas a produção da Boca ficou mesmo caracterizada pelos filmes baratos e que tinham forte apelo sexual. Ela floresceu e se expandiu na pornochanchada dos anos 1970, com musas como Helena Ramos, Sandra Bréa, Vanessa Alves, Patrícia Scalvi, Nicole Puzzi, Zilda Mayo. Comédias, dramas, policiais, faroestes, filmes de ação e de kung fu, terror, entre outros, foram gêneros explorados pelo cinema da Boca, sem deixar de lado o uso restrito do erotismo. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Boca_do_Lixo> acesso em 20/11/2012

O sexo deveria ficar apenas entre as quatro paredes do quarto, sua função: a procriação. O prazer que o ato pudesse vir a proporcionar é algo que sequer deveria ser discutido, logo, a sua exposição em salas de cinema para que toda uma gama de cidadãos pudesse ver, era uma afronta a essa lei não escrita, mas presente em nosso imaginário e nas ações dos censores. O cinema de cunho pornográfico era uma ameaça a esta ordem estabelecida, o poder se fazia presente em nossa sociedade mesmo na retenção de nossa própria sexualidade.

Mas seriam os filmes pornográficos apenas entretenimento? Digamos que sim, afinal sua função básica seria entreter o público, mas o que se deve pensar é em como os censores se posicionavam em relação a estes filmes? As produções recebiam vários cortes, sendo ainda assim liberados para maiores de dezoito anos, isso quando não eram engavetados como diz a autora Leonor Pinto,

Os parâmetros da censura no período podem ser resumidos como: proibir sempre que possível; na impossibilidade de proibir, cortar; se as duas opções falharem, colocar o filme “na geladeira”; o que significava “engavetar” o processo de Pedido de Censura, sem, no entanto, admitir o feito. O filme ficava “em processo de análise” sem que nenhum parecer fosse emitido. E sem um parecer, os produtores não podiam sequer negociar com a censura. Esta briga podia levar meses, até anos. Enquanto isso, o filme não podia ser exibido. (PINTO, 2005)

Outra questão que surge a nossa frente é quanto à legitimidade desta dita pornografia. Sabe-se que o primeiro filme de sexo explícito foi lançado em 1982, o filme *Coisas Eróticas*⁷ de Raffaele Rossi, inaugurava essa premissa de expor totalmente o ato sexual, o que não aconteceu durante parte da década de sessenta e toda a década de setenta, ou seja, sem a exposição total do ato sexual, estaríamos lidando com filmes pornográficos? Sem dúvida devemos levar em consideração a perspectiva do poder vigente na época. Para os censores, o pornô estava no simples ato de insinuar a provocação. Logo, estas produções eram obscenidades, o que segundo Nuno Cesar Abreu, quer dizer “colocar em cena algo

⁷ Ficha Técnica: Título original: *Coisas Eróticas*; Gênero: Sexo-explícito; Duração: 83min Lançamento (Brasil): 1981; Distribuição: Empresa Cinematográfica Rossi; Direção: Raffaele Rossi (Ep:1,3) e Laente Calicchio (Ep:2); Argumento: Raffaele Rossi (Ep:1,3) e Laente Calicchio (Ep:2); Roteiro: Raffaele Rossi (Ep:1,3) e Laente Calicchio (Ep:2); Co-produção: Empresa Cinematográfica Rossi; Produção: Raffaele Rossi; Direção de Produção: Renata Candu; Fotografia: Salvador do Amaral; Câmera: Salvador do Amaral; Som: Eduardo Rossi; Montagem: Raffaele Rossi e Valmir Dias disponível em < <http://www.meucinemabrasileiro.com/filmes/coisas-eroticas/coisas-eroticas.asp>> acesso em 29/11/2012

que deveria estar fora dela” (ABREU, 1996, p.18) e por tanto deveriam ser escondidas da sociedade, que logo voltariam a caminhar a trilha dos bons costumes.

As autoras Eliane R. Moraes e Sandra M. Lapeiz entendem a pornografia como

o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deve ser escondido. A exibição do indesejável: o sexo fora de lugar. Espaço do proibido, do não dizível, do censurado: daquilo que não deve ser, mas é. A pornografia grita e cala, colocando lado a lado o escândalo e o silêncio. (MORAES, LAPEIZ, 1984, p.110)

O que nos faz entender que segundo o ponto de vista dos censores, incitar o ato sexual era tão transgressor quanto a exposição de fato. Claro que a depender das cenas, o filme poderia ou não ser liberado, mas o que se expõe aqui é que a contenção sexual existente neste período estava atrelada a ações e pensamentos, novamente ressaltamos que esses pensamentos e atos devem permanecer entre as quatro paredes, jamais ganhando a luz do dia onde pudesse expor uma face de nossa sociedade que jamais deveria ser vista. Mas o pornô é também transgressor como podemos ver, quando percebemos que a cada produção, em cada exibição deste gênero, dia-após-dia estavam desafiando a ordem estabelecida, entendemos que o cinema de cunho pornográfico nos tempos da ditadura estava a todo instante quebrando com o código da moral e dos bons costumes. A autora Díaz-Benítez (2010), nos fala um pouco sobre como esse gênero particularmente está na contra mão do poder, que figura como o detentor de uma verdade sobre as práticas sociais aceitáveis, deste modo,

o material pornográfico é transgressor por encarnar a produção excluída dos padrões culturalmente aceitos pelo “gosto legítimo”. Ao extrapolar essas fronteiras, transgride o senso comum criado por juízos valorativos hegemônicos que enquadram a pornografia como produção de qualidade estética inferior. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p.20)

Outro ponto a se salientar é que esses filmes não só agrediam a moralidade com a exposição das práticas sexuais, mas também com a retirada do véu que encobria o “outro”, ou seja, o homossexual. Esse gênero de filme expunha também alguns comportamentos não aprovados por uma camada conservadora, que tinha em seu íntimo o preconceito e a falta de tolerância em relação aos homossexuais e suas práticas sexuais atípicas para este segmento da sociedade. O que nos mostra

que os procedimentos dos censores, não eram unicamente uma lei inquestionável, mas também eram aprovados por uma grande parcela da sociedade conservadora da época.

Mesmo assim, os filmes do gênero lotavam os cinemas. Em 1985, fim da ditadura (NAPOLITANO, 1998), o cineasta José Mojica Marins (o Zé do Caixão)⁸, lança o impactante *24 Horas de sexo Ardente*⁹, que mesmo censurado e sendo um exemplo do que não deve ser visto de acordo com os censores, consegue atrair grande público aos cinemas. Segundo uma matéria do jornal Folha de São Paulo de 18/06/1985, o filme “ultrapassou a marca dos cem mil espectadores num único cinema”. A produção foi um estouro que acabou gerando uma continuação dois anos depois¹⁰. Nesta narrativa ficcional, a presença do homossexual é figura marcante em vários momentos, até mesmo o maior galã da época e também diretor, David Cardoso, admite que a presença do homossexual era algo que alavancava o número de espectadores e o próprio desenvolvimento do segmento “em entrevista a revista *Playboy*, esclareceu: o homossexual é uma figura imprescindível em toda pornochanchada” (DEL PRIORE, 2011, p.188).

E em meio aos sucessos de bilheteria que surgiam um atrás do outro, surgem às adaptações dos escritos de Nelson Rodrigues¹¹ para cinema. Estas adaptações alcançam grande sucesso em diferentes períodos, este fenômeno do cinema pornográfico da época da ditadura é enfatizado pelo autor Nuno Cesar Abreu:

⁸ **José Mojica Marins** (São Paulo, 13 de março de 1936), é um cineasta, ator, roteirista de cinema e televisão brasileiro. Mojica também é conhecido como **Zé do Caixão**, seu personagem mais famoso. Embora Mojica seja conhecido principalmente como diretor de cinema de terror, teve trabalhos anteriores cujos gêneros variavam entre faroestes, dramas, filmes de aventura, dentre outros, incluindo filmes do gênero pornochanchada, filmes de comédia-sexo soft-core populares, no Brasil, durante aquela época. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Mojica_Marins> acesso em 29/11/2012

⁹ Ficha Técnica: Título original: Vinte e Quatro Horas de Sexo Explícito; Duração: 77 min. Gênero: Erótico; Lançamento (Brasil): 1985; Distribuição: Brasil Internacional Cinematográfica e U.C.B. - União Cinematográfica Brasileira; Direção: José Mojica Marins; Roteiro: Mário Lima; Argumento: Mário Lima; Produção: Mário Lima; Produção Executiva: Mário Lima; Produtor Associado: Antônio Moraes, Francisco Pires, Albano Cartozzi e Sodário Martins; Coprodução: Fotocena Filmes; Fotografia: Virgílio Roveda; Câmera: Virgílio Roveda; Assistente de câmera: Renalto Alves; Edição: Valmir Dias; Assistente de Edição: Rosalina Honório; Maquiagem: Cirus Bruno disponível em < <http://www.meucinemabrasileiro.com/filmes/vinte-e-quatro-horas-de-sexo-explicito/vinte-e-quatro-horas-de-sexo-explicito.asp>> acesso em 29/02/2012

¹⁰ 48 horas de Sexo Alucinante (1987)

¹¹ **Nelson Falcão Rodrigues** (Recife, 23 de agosto de 1912 — Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1980) foi um importante jornalista e escritor brasileiro, e tido como o mais influente dramaturgo do Brasil.

É importante ressaltar, também, as adaptações para cinema de crônicas e peças de teatro de Nelson Rodrigues, nosso dramaturgo do obscuro. Quase todas elas foram transpostas para o celulóide, em adaptações desiguais mas que, em momentos diferentes, emprestaram aos filmes vigor e personalidade nacional, e por isso mesmo universalidade. (ABREU, 1996, p.76)

Dentre estas adaptações podemos identificar muitos sucessos e o destaque para o fato de serem dramas muito bem elaborados, com personagens densos e complexos, mas que em suas sagas tem como ponto marcante as relações sexuais em suas mais variadas formas. ABREU resalta os títulos na seguinte passagem:

Cabe destacar, no conjunto das adaptações, *Toda Nudez Será Castigada*(1973) e *O Casamento*(1975), ambos de Arnaldo Jabor, que podem ser consideradas as mais bem-sucedidas e *Dama do Lotação*, de Neville de Almeida (1978), grande sucesso de bilheteria, sobretudo pela atuação de Sônia Braga, já então a *sexy symbol* do Brasil. (ABREU, 1996, p.74)

O filme *A Dama do Lotação*, merece um destaque especial devido a sua dimensão no mercado cinematográfico da época,

No ano de 1978, a EMBRAFILMES lança *A Dama do Lotação*, de Neville de Almeida*, o seu segundo maior sucesso de bilheteria. O filme foi lançado em 40 cidades e vendeu 7 milhões de ingressos no transcorrer de sua carreira comercial. A EMBRAFILMES inicia então uma agressiva campanha de vendas de filmes brasileiros para o exterior. (FERNÃO, MIRANDA, 2004, p.214)

É por esta e por outras razões, que serão apresentadas a seguir, que escolhemos como objeto de estudo a documentação referente a este filme.

O FENÔMENO A DAMA DO LOTAÇÃO

O filme *A Dama do Lotação* ¹²causou grande estardalhaço na época em que foi lançado, ao pesquisar a documentação referente à obra, encontramos uma síntese

¹² Sinopse: Carlos e Solange se amam desde jovens e, após um casto namoro, se casaram. Na noite de núpcias, Solange se recusa a fazer amor com ele. Primeiro ele implora, então em um acesso de raiva a estupra. Solange afirma que o adora, mas nos meses que se seguiram ao casamento ela não pode ser tocada por Carlos. Para provar a si mesma que não é frígida, começa uma rotina diária de seduzir homens em coletivos, homens que ela nunca viu nem verá novamente e nem mesmo sabe seus nomes. Além disto, ela tem relações com o melhor amigo de Carlos e até mesmo com seu sogro. Carlos entende que ela é infiel e, armado, confronta Solange. Enquanto isso, ela busca ajuda psiquiátrica, pois não sente nenhum remorso. Disponível em <

de tudo que já fora discutido anteriormente e muito mais. Embora tenha sido produzido durante um período em que a censura passa a ser mais branda, a produção em questão não poderia passar despercebida devido ao seu primor técnico e a própria origem de sua trama: Um conto do já renomado dramaturgo Nelson Rodrigues, que nesta história nos coloca toda a densidade comumente dada a seus personagens, num universo paralelo ao nosso onde imperam as regras do autor. O diretor Neville de Almeida tem então a missão de transpor essas características para a tela do cinema e acaba por criar uma obra que marca a história do cinema brasileiro por sua ousadia e primor em termos de produção.

No ano de seu lançamento, a produção em questão, passou a dividir opiniões de críticos e cidadãos, mas diante da censura não poderia escapar dos preceitos cristão-católicos (PINTO, 2005) presentes em seu discurso opressor e sem quase nenhuma laicidade inerente aos que ocupam cargos oficiais, e como tal, deveria despir-se de seus preconceitos e ideais religiosos.

A documentação analisada inclui principalmente pareceres dos censores envolvidos, lista de cortes e matérias da imprensa da época. Com a observação destes documentos podemos entender algumas das motivações presentes no ofício dos censores da época, a construção de suas falas em seus pareceres nos faz ter uma ligeira impressão das suas intencionalidades.

Como dito anteriormente, a imprensa viu-se dividida perante o filme estudado. Em muitas situações era possível encontrar matérias de jornais que tinham críticas muito negativas em torno da produção cinematográfica estudada, se importando em reservar elogios apenas ao fato de se tratar de um filme inspirado na obra do Nelson Rodrigues, mas em seguida vinha a enxurrada de insultos a produção, roteiro e, claro, direção.

Um dos críticos da época referiu-se ao filme como “Lixo de Luxo”, vejamos um fragmento da opinião de Jairo Ferreira a respeito do filme *A Dama do Lotação*.

Trata-se realmente de uma pornochanchada de luxo, o “Belle de Jour” dos pobres. Ela foi feita em cima das pornochanchadas mambembes, esse lixo

cinematográfico que, apesar de tudo, serviu para ampliar o mercado de exibição de filmes nacionais.
 um grande numero de pessoas acha “A Dama do Lotação” um filme vazio, repetitivo. Com efeito, a narrativa de Neville de Almeida se apoia numa alta taxa de redundância (meia dúzia de encontros amorosos não alteram o comportamento da personagem principal). (fonte: Folha de São Paulo, 21/04/1978)

Outros são mais brandos em suas criticas ao referirem-se a narração fílmica, como podemos ver nas palavras de Jose Carlos Monteiro.

De qualquer forma sem imitação ou com parodia, “A dama do lotação” é um decepcionante melodrama erótico, que não merecia ter como fonte de inspiração a celebre historieta de Nelson Rodrigues. (fonte: O Globo, 19/04/1978)

Estes fragmentos de noticias nos fazem perceber que até mesmo a imprensa da época, ou parte dela, era movida pelas regras invisíveis do conservadorismo que se fazia presente em nossa sociedade. Além dos censores buscarem a repressão destes filmes, temos grande parte dos jornais do período expondo sua opinião em relação às praticas sexuais expostas nestas produções. Além de criticarem comportamentos socialmente recriminatórios, como a mulher adúltera, ou a mulher que se relaciona com outra, modelos de relações obscenas que como já dito anteriormente devem ser escondidos da sociedade. A ocultação destes comportamentos não os faziam desaparecer, a partir do destaque que a repressão dá aos modelos isolados de comportamento, vemos um destacamento deste modelo. Uma acentuação destas práticas, não a sua inexistência, que era um dos propósitos a se alcançar com estas ações recriminadoras, neste caso, essas conclusões são geradas em decorrência não das ações dos censores, mas dos veículos de informação do período.

Mas incrivelmente, e neste ponto destacamos a notoriedade da produção fílmica abordada, *A Dama do Lotação* faz grande sucesso! Sua divulgação é massiva nos veículos de informação e as polêmicas apresentadas no filme, o tornam cada vez mais assistido, desbancando algumas produções estrangeiras, que era o que realmente lotava os cinemas. Este filme sem duvida representou a hegemonia do cinema brasileiro da época, como podemos ver neste anuncio do Jornal do Brasil de 30/04/1978: com letras garrafais temos um título que chama a atenção e surpreende: “Esta dama acaba de derrotar o tubarão, superar o king-kong e vencer a guerra nas estrelas.” E segue com o informe atrativo:

Recorde absoluto de publico de Manaus a Porto Alegre, "A DAMA DO LOTAÇÃO" é comprovadamente o maior sucesso de lançamento já ocorrido no Brasil: 32 milhões de cruzeiros e mais de 2 milhões de espectadores em apenas duas semanas(*). Fique por dentro deste fenômeno: Sônia Braga, "A DAMA DO LOTAÇÃO", espera por você nos 80 melhores cinemas do Brasil.

O que acaba, também, por atrair críticas positivas em torno do filme, como a do jornal Última Hora de 26/04/1978 que diz:

Por seu elenco, direção e encadeamento narrativo. A dama do loteação não é uma pornochanchada. fuge aos padrões embrutecedores desse gênero por veicular uma ideia (contrafacta que seja) e por manifestar certa intimidade com a linguagem cinematográfica.

Em meio às críticas heterogêneas dos jornais que demonstram posicionamentos contra ou a favor da produção fílmica estudada, há os pareceres da DCPD que ditavam o que poderia ou não ser visto pela população. Então os filmes que iam para o cinema eram nada mais que a versão final, com cortes que tinham o propósito de amenizar certas cenas e preservar a moralidade de nossa sociedade, muito embora, alguns cortes suprimiam uma cena inteira se os censores achassem pertinente.

Em se tratando de um documento oficial, nos surpreendemos ao nos deparar com a utilização de argumentos muito vagos para embasar as ações dos censores em relação aos cortes requeridos, na grande maioria dos casos há uma ressalva aos comportamentos "amorais" da protagonista (Solange), que desempenha ações que para além do ato sexual, que por si só já se enquadra como um insulto a moral de toda uma sociedade brasileira da época, fere a instituição familiar, por se tratar de uma mulher que vive em adultério. Mas o que de fato ganha espaço nos pareceres são suas práticas sexuais, estas cenas são quase todas cortadas como podemos constatar na lista de cortes requeridos do filme:

1º rolo – cena de violação sexual – suprimir a partir do instante em que Carlinhos termina de rasgar a camisola de Solange, até o final da cena, quando se focaliza a tomada externa da praia.

2º ROLO – cena de lesbianismo – eliminar desde o momento em que Matilde esbofeteia a amante, até a focalização de uma carta nas mãos de Alexandre. (Lista de cortes, 07/03/1978)

O filme também possui cenas de lesbianismo, ou seja, uma forma de relacionamento que não se enquadra nos modelos aceitáveis pelos censores, por tanto deve ser suprimida, vemos então que a repressão quanto à orientação sexual

é também estendida às mulheres, que são terminantemente proibidas de se envolverem com outras mulheres. Os cortes que identificamos inicialmente não são meros reparos, mas cenas inteiras que são suprimidas, que na época deixavam a narrativa fílmica confusa em alguns pontos.

Nos pareceres, além da lista de cortes requeridos, os censores podiam opinar e fazer comentários a cerca do filme avaliado, vejamos o que diz o parecer N° 667/78¹³

Produção nacional que se constitui numa tentativa de analisar a conduta amoral de uma jovem acosada por traumas de infância. Em todo desenrolar a película explora situações que envolvem lesbianismo, nudez e sucessivos relacionamentos íntimos, com riqueza de detalhes. Enfatiza, procipualemente, os aspectos grotescos, chocantes e insortitas do comportamento da personagem central evidenciando-se em algumas passagens o simples apelo ao erotismo.

O parecer, além de enfatizar as ações de Solange como imorais, ressalta o lesbianismo como algo fora do comum; como esses pareceres tem a função de apontar o que deve ser tirado e o que não é digno de ser mostrado, podemos interpretar que a relação lésbica presente no filme, é reprovável e errada. E mesmo com cortes o filme é liberado para maiores de dezoito anos, a maior faixa etária possível.

Os trailers também sofriam censura passível de cortes em cima dos recortes que evidenciassem algo impróprio. No parecer N° 991/78, temos o exemplo de censores que tinham a função de censurar um trailer, com uma lista de cortes bem vasta para um vídeo de alguns minutos,

- 1)Cortar desde quando a moça fala: “você acha que eu sou gostosa”, até aparecer as mulatas dançando. (o corte elimina a cena de sexo que enfoca a mulher cavalgando em um homem).
- 2)Cena na qual o homem aparece, dentro do ônibus, comprimindo o sexo nas nádegas da mulher.
- 3)Cena final em que há o enfoque de cinco quadros ao mesmo tempo, dividindo a tela.

Neste caso, além das imagens, temos uma censura em relação ao discurso da personagem, que fala algo que aparentemente seria vulgar para as censoras Hellé P. Carvalhedo, Maria Lúcia Holanda e Joana Silveira Passos. As práticas imorais, também se estende ao discurso, palavras devem ser bem escolhidas neste

¹³ Os pareceres foram transcritos exatamente do modo como estavam nos documentos, incluindo os erros de datilografia da época.

período, palavrões, e outras palavras consideradas de baixo calão também poderiam ser censuradas.

Outro detalhe interessante de ser mencionado, é o fato de que estes filmes recebiam cortes, “censura dezoito anos” e podiam até ser proibidos de passar em nossos cinemas, mas recebiam sempre o carimbo de livre para exportação, ou seja, os filmes eram imorais para os brasileiros, mas não eram para os estrangeiros, que poderiam assisti-los completamente, sem cortes.

Além dos pareceres, lista de cortes e matérias de imprensa do filme *A Dama do Lotação*, receberam uma forma bem inusitada de protesto. A cidadã Amea Campos Carvalhal, no dia 18 de Abril de 1978, escreveu uma carta para o ministro da Justiça da época, o Senhor Armando Ribeiro Falcão, com o intuito de conseguir retirar o filme dos cinemas, a carta, em suma, é um grande desabafo de uma senhora de 48 anos que ao deparar-se com o filme em evidencia, sente-se constrangida e ultrajada com o conteúdo da narrativa. Apelando para o bom-senso do ministro, a cidadã inicia sua carta se auto-descrevendo

Sou uma mulher de 48 anos, trabalho, sou meio quadrada e meio moderna, e por isso estou aqui escrevendo para dizer de toda a minha indignação e revolta pelo espetáculo que vi ontem no cinema. (Fragmento da carta)

O que se percebe em sua escrita, é uma surpresa com o conteúdo do filme, que a seu ver era “pesado”, indignada resolve então redigir com fervor a sua carta:

Sr. Ministro, qual não foi a minha surpresa, vendo não algumas cenas, mas sim, todo o filme pesado. Estou com tanta revolta no meu coração que não resisti a vontade de lhe escrever. (trecho da carta)

Mais adiante ela fala do zelo que se deve ter em torno da “moral e do bem estar social”, evidentemente a Senhora Carvalhal acredita que o bem estar social gira em torno das medidas repressoras do estado em relação aos filmes de cunho pornográfico, preservando o conservadorismo e a completa falta de contato com modelos diferenciados de relações sexuais ou o simples fato de se tratar de uma história onde a mulher desempenha um papel indigno socialmente, em outras palavras, que vai de encontro aos dogmas monogâmicos do cristianismo.

O que podemos perceber com a análise da carta estudada, é que as relações em torno das praticas de censura não são unicamente provenientes dos censores, havia uma camada da sociedade que aprovava esse regime, legitimando condutas e discursos. A autora da carta é sem dúvida um tipo notório devido a sua ação de

elaborar o escrito e o enviar, mas no fim, ela representa um segmento da nossa sociedade que aprovava a ditadura militar e seus variados modos de conter as imoralidades presentes naquele tempo, em um determinado momento de sua escrita ela ressalta o seu desapontamento com a falta de rigor dos censores em relação ao filme alvo do seu protesto: “existe uma censura no país, e ela infelizmente não funcionou neste caso”(…) já quase finalizando sua carta ela afirma que o filme “é uma afronta aos mais elementares princípios de moral” (...), ¹⁴ou seja, uma afronta ao modelo social em que a laicidade dos estado é uma mentira, em que o certo é esconder e aquele que expõe é no fim, um anormal, um subversivo, um inimigo das “boas tradições”.

Na frente contra as imoralidades do cinema pornográfico nacional, extremamente consumido pela população da época, temos um soldado que não tem rosto, mas marcha com determinação e é extremamente difícil de identificar, mas atende por um nome generalizante, seu nome é “Povo”. Plural e conflituoso, o povo brasileiro tinha que lidar não só com a opressão dos militares, mas com sua própria opressão, que mesmo hoje, encontra lugar em suas práticas cotidianas e embates de poder.

CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa, percebemos que o cinema de cunho pornográfico modificou-se com o tempo, o surgimento do home-video o reconfigurou, seu lugar, dos cinemas passou a ser a reclusão dos lares, o que nos faz pensar: será que a censura no fim de tudo não conseguiu o que queria em seus tempos mais radicais? Neste período (década de 80), o cinema pornográfico entra numa espécie de decadência “antes de (poder) atingir alguma forma de apogeu” (ABREU, 1996, p.136), o momento em questão é muito bem sintetizado na seguinte passagem

Com a banalização da projeção nos cinemas e a entrada em cena dos videocassetes, a frequência às salas de exibição – já estigmatizadas – ficou restrita a um público mais popular (ou de classes de baixa renda), ao mesmo tempo em que um outro público passa a consumir em casa o filme pornô, através do videocassete. (ABREU, 1996, p.137)

Mas acima de tudo acreditamos no que nos fala Mary Del Priori ao afirmar que “o gênero apenas refletia as mudanças da época”(…) (DEL PRIORE, 2011, p.

¹⁴ Os documentos citados encontram-se disponíveis em < www.memoriacinebr.com.br> acesso em 29/11/2012.

187). Sim os filmes eram censurados, mas não era uma censura política, mas moral (DEL PRIORE, 2011). Essa censura em nenhum momento impediu a produção de mais e mais filmes, produções estas que transgridem os limites impostos, em uma época de silenciamentos sexuais, o simples ato de expô-los em uma tela de cinema é rebelde, uma rebelião dos costumes, que visa por de cabeça para baixo o mundo cinzento e controlador em que as pessoas da época viviam, como nos diz Foucault:

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado a proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (FOUCAULT, 1988, p.12)

Por tanto, o filme *A Dama do Lotação*, é um importante marco na história do cinema nacional e no combate as repressões que o Estado tentou impor as nossas práticas cotidianas, foi um agente de mudança e como uma bomba explodindo, lançou vários estilhaços ao corpo do silêncio em torno das práticas sexuais no nosso país. Os documentos do período que analisamos, revela-nos o quanto nossa sociedade estava mergulhada numa ideologia voltada para valores que são pautados na ocultação, no esconder as perguntas, que permaneceriam sem resposta. Porque não podiam assistir a estes filmes? Se a idade mínima para assisti-los era dezoito anos, porque a necessidade dos cortes? Os processos de censura aos quais os filmes eram submetidos eram uma tentativa em prol do silenciamento, do calar das dúvidas e das vontades humanas e sociais, interviam no cotidiano, definindo e redefinindo códigos, ações e culturas.

O filme alcançou enorme sucesso, contradizendo todo um discurso moralizante, tanto dos censores, como da própria sociedade. E embora não admitissem, essas produções eram o desejo da população, o consumo em excesso destas produções era o recado do brasileiro para os conservadores: “queremos ver e vamos ver! Não importa se serão filmes fatiados, estamos apenas querendo fazer algo que satisfaça as nossas vontades”. O que acima de tudo, nos revela a tamanha hipocrisia presente em certos comportamentos da época. Temos uma cidadã que redige uma carta indignada com as cenas de um filme imoral, mas mesmo assim ela o assiste, ela entrou em uma sala de cinema em que o filme exibido continha cenas de sexo e uma série de condutas que feriam o que ela acreditava ser sagrado, mas isto não muda o fato que naquele momento ela era também consumidora,

contribuindo para o sucesso de vendas de ingressos da produção estudada. E como ela muitos outros brasileiros, conservadores ou não, o fizeram.

E embora hoje os filmes pornográficos não tenham a mesma divulgação que no período estudado, o fenômeno *A Dama do Lotação* serve para exemplificar o quanto se queria ver e falar sobre sexo, sem pudor, sem censura.

ABSTRACT

In the Brazilian Military Dictatorship times (1964-1985), were produced countless pornographic films in our country. That moment the censorship dictates what should or should not be watched by people, so the film titled *A Dama da Lotação* (1978) is released. Our work aims to analyze the documentation relating to the period of the censorship quoted film. Questioning the motivations of censors and own society of the period in order to make explicit the repressions suffered not only politically, but also the issues related to the citizens' sexuality. That way, they were compelled to follow and appreciate the moral and good manners.

KEYWORDS: Dictatorship. Sexuality. Censorship. Moral.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô:** representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

BENÍTEZ, Maria Elvira Díaz. **Nas Redes do Sexo:** Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo.** São Paulo: Circulo dos Livros, 1984.

CALISSI, Luciana, LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. **Moral e os bons costumes como ficam? Censura, ditadura militar e pornografia em “A Dama do Lotação”**. I Encontro de Fontes Históricas. Campina Grande. UFCG: 2009.

FOUCAULT, Michel, **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Editora Graal: 1988.

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. **Históriopornô: Não é nada disso que você está pensando, ou será que é?** . II Seminário Nacional de Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura. Campina Grande. UFCG: 2011.

MORAES, Eliane Robert, LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Circulo do Livro, 1984.

MOURA, Hugo. **A Primeira Vez com Sexo Explícito** in: Revista Playboy. Editora Abril. Nº 446. Ed. Julho de 2012.

NAPOLITANO, Marco. **O regime militar brasileiro (1964-1985)**. São Paulo: Atual, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Leonor E. de Souza. **(Des)caminhos da censura no cinema brasileiro: od anos de ditadura**. Disponível em: <http://www.memoriacinibr.com.br/> acesso em : 29/11/2012

_____ **O cinema brasileiro face a censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988**. Disponível em: <http://www.memoriacinibr.com.br/> acesso em : 29/11/2012

_____ **Guerra tropical contra a censura**. Disponível em: <http://www.memoriacinibr.com.br/> acesso em : 29/11/2012

_____ **Macunaíma: desseis anos de luta contra a censura.**

Disponível em: <<http://www.memoriacinibr.com.br/>> acesso em : 29/11/2012

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

IDENTIFICAÇÃO

Autor: JEFFERSON Mateus Ribeiro
 Endereço Lattes: HTTP://LATTES.CNPQ.BR/6563196753342994
 RG: 327 14 11 OE SSP UF PB CPF: 094.203.564-84
 Email: JEFFERSON_ada@hotmail.com Telefone: (83)88906596
 Orientador: CARLOS ADRIANO FERREIRA DE LIMA
 Endereço Lattes: HTTP://LATTES.CNPQ.BR/12371669533697969
 Trabalho de conclusão: Graduação Especialização Período de conclusão: 2012.2
 Curso: HISTÓRIA Campus III Centro de Humanidades
 Título do trabalho: PORNÓGRAFIA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE CENSURA E MÍDIA IMPRESSA ATRAVÉS DO FILME A Dama da Cotação (1978)

LICENÇA NÃO EXCLUSIVA DE DISTRIBUIÇÃO

Por assinatura e submissão desta licença, você o autor(es) ou proprietário (s) garante a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) o direito não-exclusivo para reproduzir, traduzir (como definido abaixo); e/ou distribuir sua submissão (incluindo o resumo) na internet e formatos eletrônicos ou em qualquer mídia, incluindo, sem limitar, o áudio e/ou o vídeo.

Você concorda que a UEPB pode, sem alterar o conteúdo, traduzir a submissão para qualquer mídia ou formato para efeitos de preservação.

Você também concorda que a UEPB pode manter mais de uma cópia desta submissão para efeitos de segurança, back-up e preservação.

Você assegura que a submissão é um trabalho original seu, e que você tem o direito para conceder os direitos contidos nesta licença. Você também assegura que sua submissão, para seu melhor conhecimento, não infringe os direitos autorais de ninguém.

Se a submissão tiver material o qual você não possui os direitos, você assegura que obteve a permissão irrestrita de cópia do proprietário para garantir a UEPB os direitos requeridos por esta licença, e que tal material de propriedade de terceiros está claramente identificado e que o reconhece dentro do texto ou do conteúdo de submissão.

SE A SUBMISSÃO É BASEADA EM UM TRABALHO QUE VEM SENDO PATROCINADO OU APOIADO POR UMA AGENCIA QUE NÃO A UEPB, VOCÊ ASSEGURA QUE TEM PREENCHIDO QUALQUER DIREITO DE REVISÃO OU OUTRAS OBRIGAÇÕES REQUERIDAS POR ESTE CONTRATO OU ACORDO.

A UEPB identificará claramente seu (s) nome (s) como autor (es) ou proprietário(s) desta submissão, e não fará qualquer alteração, exceto conforme permitido por esta licença, na sua submissão.

Eu concedo a licença a partir de 01 / 01 / 2013
 (Prazo máximo: 01 ano após a defesa)

Jefferson Mateus Ribeiro
 (Assinatura do autor)

05.12.2012
 (Data)